



## **HOMOSSEXUALIDADE FEMININA, SEGREDOS E DESEJOS: PERCEPÇÕES DAS TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES AFETIVO- SEXUAIS ENTRE LÉSBICAS EM CAMPOS/RJ**

Andréa Paixão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende trazer à tona a discussão sobre trajetórias e identidades afetivo-sexuais entre lésbicas em Campos/RJ, a partir de uma rede específica de mulheres em um determinado local público de sociabilidade e lazer da cidade, voltado ao público LGBT. Os comportamentos e práticas destas mulheres, o modo como percebem sua identidade e orientação sexual e a maneira como se relacionam afetiva e sexualmente são focos de discussão neste trabalho. Algumas reflexões acerca da homossexualidade feminina, segredos e desejos que ela envolve fundamentarão nossa discussão teórica e contribuirão para elucidar os resultados de observações exploratórias feitas em locais de sociabilidade e lazer frequentados por estas mulheres.

**Palavras-chave:** homossexualidade feminina, preconceito, identidade de gênero

O presente trabalho tem como proposta, trazer à tona a discussão sobre comportamentos e práticas entre lésbicas no atual contexto social, mais especificamente no município de Campos/RJ.

A partir de observações exploratórias pude analisar como se constroem suas trajetórias e identidades afetivo-sexuais e como estas são percebidas e reconhecidas por elas dentro destes espaços públicos de sociabilidade e lazer que frequentam.

A homossexualidade feminina será meu foco de discussão neste trabalho, apesar do contato com outras homossexualidades por ocasião das entrevistas.

Nas últimas décadas, as homossexualidades vêm sendo discutidas e pesquisadas, abrindo novos campos de compreensão e de estudos, além de espaços de lutas que buscam o fim e a criminalização do preconceito, da violência e da discriminação com

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará – paixxaoandrea@gmail.com

esses sujeitos. Porém, a homossexualidade feminina vem sendo estudada de maneira discreta pelo meio acadêmico se compararmos às produções sobre homossexualidade masculina e sobre travestis, por exemplo.

O movimento de luta por igualdade de direitos desses grupos vem conquistando espaços importantes e garantindo vitórias no país, como o reconhecimento pelo STF – Superior Tribunal Federal, em cinco de Maio de 2011, da união estável entre pessoas do mesmo sexo. No dia 24 de Maio deste ano, a Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal aprovou o PLS (Projeto de Lei do Senado) 612/2011<sup>2</sup>, da Senadora Marta Suplicy, que reconhece legalmente a união estável entre pessoas do mesmo sexo. As reivindicações do movimento, no entanto, não se restringem apenas ao reconhecimento da união estável e do casamento igualitário. Além desta reivindicação o movimento procura a visibilidade destes sujeitos enquanto cidadãos portadores de direitos dentre eles: a criminalização da homofobia<sup>3</sup>, reconhecimento do nome social usado por travestis e transexuais, o direito à adoção por casais homossexuais, entre outros.

Este cenário de vitórias, no entanto, não elimina as manifestações de discriminação e preconceito sofridos por esses sujeitos. O que nos faz pensar que estes sejam motivos que levam muitas mulheres com orientação homossexual deixarem de externalizar seus desejos e publicizar suas relações afetivas.

Considero que a orientação sexual de um sujeito e a identidade de gênero se constroem no cotidiano, de acordo com suas trajetórias e vivências afetivas e sexuais. Mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras são (re) conhecidas como lésbicas<sup>4</sup>, assim como homens homossexuais são (re) conhecidos como gays. No entanto, muitas mulheres que se relacionam com outras mulheres, tanto afetiva, quanto sexualmente ou afetiva e sexualmente e não se reconhecem dentro desta categoria, ou de nenhuma outra.

Vale ressaltar que esta “negação” em pertencer a uma categoria que “rotula” a mulher homossexual, se dá na maioria das vezes entre mulheres que possuem uma identidade de gênero feminina e não se assumem publicamente como tal. Ao contrário de muitas mulheres que possuem uma identidade de gênero masculina (demonstrada na maioria das vezes pela sua corporalidade) que assumem publicamente sua

---

<sup>2</sup> Fonte: Agência Senado. Disponível em:

[http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=102589](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=102589). Acesso em 25 mai. 2012

<sup>3</sup> Segundo Borillo (2009:15): “é a atitude de hostilidade para com os homossexuais [...] manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal”.

<sup>4</sup> “mulheres que sentem-se mais confortáveis com estilos, códigos e identidades genericamente masculinas do que com aqueles femininos”. (LACOMBE, 2007 *apud* Halberstam, 1998:120)

homossexualidade e não se importam de serem inseridas nesta categoria ou em qualquer outra.

## **ENTRE SEGREDOS E DESEJOS**

Neste trabalho busquei conhecer as percepções das trajetórias e identidades afetivas e sexuais entre lésbicas em Campos/RJ, objeto deste estudo, investigadas a partir de um determinado espaço público de sociabilidade e lazer que frequentam.

Através de uma pesquisa exploratória para mapeamento dos espaços destinados ao público LGBT<sup>5</sup> na cidade identifiquei alguns destes locais a partir de conversas informais com gays e lésbicas conhecidos/as. São algumas festas que ocorrem em espaços variados, geralmente uma vez por mês, além de uma boate voltada para esse público e um bar.

Para conhecer tais espaços e identificar o público que os frequentam, fiz algumas pesquisas de campo em caráter exploratório. Durante os meses de Junho e Julho de 2011, participei de duas festas em locais distintos.

A primeira, no final do mês de Junho, foi realizada no salão nobre do Jóquei Clube de Campos, hoje desativado, que fica em um bairro com o mesmo nome e um pouco afastado do centro da cidade. Lá, observei um público misto de gays, lésbicas, travestis e casais heterossexuais.

O número de gays era consideravelmente maior que o número de lésbicas e ambos maiores que o número de travestis e de casais heterossexuais. Reconheci tais sujeitos a partir de suas demonstrações de afeto, pelas performances corporais tanto de lésbicas (masculinas) quanto de gays (afeminados), além de ter encontrado alguns conhecidos em comum, que me ajudaram nesta identificação.

Como meu interesse era identificar as lésbicas, na observação exploratória feita na festa realizada no Jóquei Clube, foquei toda atenção a este grupo específico e pude perceber que as performances corporais da maioria era o tipo “vulgarmente” conhecido e estereotipado como “sapatão”, “caminhoneira”, “fancha”, “sapatão”, “entendida”, ou seja, mulheres que possuem comportamentos assumindo uma identidade de gênero

---

<sup>5</sup> LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Esta sigla é usada por grupos de ativismos que lutam pelo reconhecimento e direitos dessas pessoas.

masculina. Apesar do número de lésbicas com estas características ser consideravelmente alto, havia também no local, lésbicas que se vestiam e possuíam comportamentos que sugeriam uma identidade de gênero feminina. Estas usavam vestidos, estavam maquiadas, com unhas feitas, cabelos bem cuidados, usavam salto alto, ao contrário das outras que usavam jeans ou bermudões largos e compridos, camisetas e tênis; a maioria usava cabelos curtos e algumas usavam bonés, não tinham as unhas feitas e nenhum tipo de maquiagem.

Esta rede de mulheres também foi encontrada na segunda festa que participei em um restaurante bem movimentado em outro local, na região central da cidade. O que diferenciou uma festa da outra, no que se refere às pessoas que frequentavam, foi um número maior de mulheres com performance corporal mais feminina. Este número superou, ao contrário da outra festa, o número de mulheres com performances mais masculinizadas.

Outro espaço que visitei foi uma boate situada no centro da cidade, porém em uma região não muito movimentada durante a noite. Este espaço de sociabilidade é o único especificamente destinado ao público LGBT da cidade, embora seja frequentado por casais heterossexuais, porém, mas em um número bem reduzido. Neste espaço, além da observação exploratória, procurei atuar de forma mais participativa.

Tive uma conversa anterior com a proprietária do local para explicar-lhe sobre o projeto, bem como para pedir a sua permissão. De posse da autorização, pude realizar as observações exploratórias.

Na boate, como nos outros locais que frequentei, o número de gays é maior que o número de lésbicas e as lésbicas que lá encontrei, em sua maioria, possuem uma performance corporal que sugere uma identidade de gênero masculina. Em nenhuma das duas noites que fui ao local, encontrei uma lésbica com performance corporal que sugeria uma identidade de gênero feminina.

Através de conversas com algumas outras pessoas que se interessam pelo tema da homossexualidade, descobri que há outro local na cidade, que apesar de não ser explicitado, seria frequentado também pelo público LGBT.

Trata-se de um bar, que fica situado na região nobre da cidade, onde se localizam vários outros bares e restaurantes. Visitando o local, percebi um espaço de muito bom gosto, com uma decoração que me possibilita dizer que se quer passar ali, uma imagem de “lugar de família”, com música ambiente no estilo pop e MPB e de muita sobriedade. Sua principal característica é o número elevado de imagens de

santos e santas, espalhadas pelo espaço interno, o que representa a forte influência do catolicismo na cidade, apesar de existir um grande número de templos neopentecostais, reforçando assim, o conservadorismo local.

Neste espaço, conversei com dois garçons e a recepcionista e expliquei o que eu fazia ali, pois estive por diversas vezes no local, o que acabou chamando a atenção de todos e todas que ali trabalhavam. Não que fizessem qualquer pergunta, mas surgiram alguns comentários do tipo: “gostou mesmo daqui não é?”, ou se eu deixasse de ir numa semana: “você está sumida, abandonou a gente...”.

Antes da conversa com estas pessoas pude notar algumas vezes grupos de mulheres que eu conhecia através de amigas em comum, por meio de suas redes sociais como Orkut e Facebook que são lésbicas, mas que não assumem isso publicamente, ou seja, não “dão pinta”. Suas performances corporais são de grande feminilidade, usam vestidos ou saias, maquiagem, salto alto, cabelos e unhas bem cuidados, além de muita discrição.

Nesta rede de mulheres, no entanto, existem algumas que não possuem tal performance. Apesar de também “não dar pinta”, possuem certos trejeitos, modos e vestuário que mais se aproximam do modelo de identidade masculino: calças ou bermudas compridas, tênis e camisas largas; falam alto e gesticulam bastante, ao contrário das outras companheiras que são sempre muito discretas ao falar e vestir.

Depois de várias idas a este campo, conversei com um garçom e com a recepcionista sobre o que se tratava minha pesquisa exploratória: “eu quero estudar as lésbicas de Campos”, o garçom imediatamente me respondeu: “ahhhh aqui tem muito, tá cheio”. Quando falei com a recepcionista ela disse: “ihhh tem muita, depois do terceiro uísque então...”

Com base nestas observações, revelações e pesquisas exploratórias, pude perceber que existem duas redes de socialização específicas onde se encontram as lésbicas em Campos/RJ. Estas duas redes distintas são compostas por mulheres com performances corporais “masculinas” e por mulheres com performances corporais “femininas”.

Tais categorias, “masculinas/femininas”, servem como referência aos atributos corporais de gênero observados (FACCHINI, 2008:21), ou performances corporais (LACOMBE, 2007). As performances de masculinidade e feminilidade das lésbicas não podem ser compreendidas como sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, pois estas só são possíveis através de seu reconhecimento como tal.

Considerando as primeiras impressões observadas nos espaços de sociabilidade e lazer da cidade de Campos/RJ, notei que as redes de lésbicas não se encontravam em tais espaços, ou seja, “elas não se misturam”, “não frequentam os mesmos lugares”, “não praticam as mesmas formas de lazer”, não compartilham dos mesmos espaços “reservados” a este determinado segmento de indivíduos e não se relacionam afetiva e sexualmente umas com as outras o que sugere um “desprezo complementar” de um grupo por outro (ELIAS, 2000: 21).

Pensando nas representações sociais da cidade, considero que a homossexualidade feminina, não poderia deixar de ser uma “afronta” às identidades culturais e sociais presentes, o que nos permite ponderar que o fato das lésbicas, que possuem um capital social mais elevado (frequentadoras do bar), ou seja, que possuem o *status* de pertencer a uma “família tradicional”, ou possuem uma situação econômica superior às demais se “escondam no armário<sup>6</sup>”, por temer o que Eribom (2008) enfatiza em seu estudo sobre a questão gay.

Segundo este autor, há situações de “vida dupla” entre os homossexuais, principalmente entre aqueles que se reservam o direito de não falar de sua orientação sexual no trabalho ou na família e criam redes de afinidade que lhes possibilitam afastar-se da solidão:

Por isso é que a sociabilidade gay –ou lésbica- funda-se, primeiramente e antes de tudo, numa prática e numa “política” de amizade; é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, constituir um círculo de relações escolhidas. (ERIBOM, 2008:38)

A socialização dos homossexuais através de redes, alude ao fato de que estes sujeitos nelas se inserem para poderem de forma livre, vivenciar suas relações afetivas e sexuais sem o risco de sofrerem qualquer ameaça ou manifestação de discriminação por uma sociedade intolerante e desigual.

Apesar de se falar tanto na homossexualidade nas sociedades ocidentais como aponta Foucault (1988:33), esta ainda representa um tabu social (FACCHINI, 2008). Isto implica no silêncio que muitos homossexuais se submetem ao longo da vida, pois ser homossexual é, para muitos homens e mulheres, um fardo difícil de ser carregado, considerando os mecanismos de controle e de coerção que a sociedade lhes impõe devendo estes, “saber negociar a todo instante a relação com o mundo à sua volta” (ERIBON, 2008:30).

---

<sup>6</sup> “ ‘Estar no armário’, significa não ter assumido perante os outros a sua orientação sexual.” (Almeida, 2010:14)

A homossexualidade tem sido discutida nas sociedades ocidentais desde o século XIX no sentido de se “descobrir” suas causas. Foucault sinaliza em sua História da Sexualidade – A vontade de Saber, que nunca se falou tanto de sexualidade a partir de fins do século XVIII apesar de parecer que este era um assunto “proibido”.

Ao se falar da sexualidade, a homossexualidade toma assento no discurso e por muito tempo foi considerada pecado pela igreja, desvio ou inversão pelo discurso médico e psiquiátrico. Os homossexuais são sujeitos que estão a todo tempo sendo “vigiados” em sua conduta, a partir do momento em que se assumem como tal, ou mesmo pelas suas performances corporais.

A rede de lésbicas, objeto deste estudo, possui em sua maioria uma performance corporal “masculina”, o que autoriza todo o meio social onde vive e convive a identificá-la como tal, pois ela foge aos padrões sociais impostos às mulheres, “vendidos” diária e sistematicamente pela mídia e sociedade que lhes estabelece um modelo de beleza e comportamento a que devem seguir. Publicizar ou não a orientação sexual homossexual é, no entanto, uma questão que requer cuidado e possui muitas vezes um custo, para muitos elevado e também doloroso como ter que se afastar do lar e da família. Assim, muitos homossexuais passam pela “dissimulação de si mesmo” e migram para outros lugares como os grandes centros urbanos (ERIBON: 2008:31, RUBIN, 2003: s/p).

Esta “fuga”, essa “dissimulação de si mesmo”, é que permite aos homossexuais se estabelecerem e ocuparem um espaço em igualdade com os heterossexuais uma vez que os grandes centros urbanos oferecem locais diversos de sociabilidade e lazer que lhes permite formar redes de sociabilidade com “seus iguais”, além da “possibilidade de redefinir a própria subjetividade e reinventar a identidade pessoal” (ERIBON, 2008:37).

A participação nas redes de sociabilidade que aqui tratamos como “mundo gay” tem seus efeitos positivos na vida dos/as homossexuais, como sugere Eribon (2008:41):

[...] um homossexual pode participar do “*mundo gay*” sem perder seu lugar no mundo heterossexual: ele terá, então, duas (ou várias) identidades; uma, ligada à sua inserção profissional (ou sua origem étnica) e outra, ligada ao tempo do lazer, uma identidade para o dia e outra para a noite e os fins de semana (o que, com frequência, engendrou a tensão inerente às dificuldades da “dupla vida”, mas também permitiu que muitos homossexuais resistissem à opressão e à marginalização.

A “solidão homossexual” é uma entre tantas formas de violência a que estes sujeitos são submetidos ao assumirem para si e para o mundo sua identidade sexual. A injúria, forma tão comum de violência contra homossexuais, passa muitas vezes despercebida, uma vez que se naturalizou a agressão verbal. Sapatão, bicha, viado,

fancha, são formas hostis de agressão, que marcam e constroem, levam esses sujeitos a adotar uma vida marcada pelo segredo e até mesmo pela “negação” de seus desejos.

Para Eribon (2008:27): “uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo.” Desta forma, pode-se acreditar que não querer ser injuriado, ofendido, agredido, violentado, é um dos motivos pelos quais homossexuais masculinos e femininos se organizem em redes de sociabilidade, formando espaços nos quais podem vivenciar com liberdade suas identidades e seus desejos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Avalio que a capacidade de desenvolver e incorporar um entendimento e conhecimento das várias formas de se experimentar o desejo, o prazer e o afeto entre as pessoas, seja com parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto é um exercício que deve ser defendido, tanto na esfera da vida pessoal como na vida pública, pois o exercício do poder e da dominação explicitados na forma de preconceito e discriminação existentes em nossa sociedade, provocam rebaixamento moral e a condenação social da homossexualidade.

Mesmo nos espaços públicos de sociabilidade e lazer frequentados por homossexuais, percebi que há uma hierarquização que sugere uma forma velada de preconceito e discriminação entre essas pessoas que supostamente deveriam ser consideradas como “iguais” e que se consideram como tal.

Durante todo o período de exploração e observação, não identifiquei nenhuma forma de contato entre as redes de lésbicas. Isso sugere uma separação que deverá ser pesquisada mais cuidadosamente em trabalhos futuros para que possam ser identificadas suas causas, no entanto, se considerarmos os locais pesquisados e as várias formas de comportamentos, práticas, modos de ser, de vestir e de viver a homossexualidade podemos pensar, que algumas dessas causas estão relacionadas com as desigualdades sociais, culturais e econômicas entre elas.

Defendo a partir das observações e percepções que tive durante minhas visitas ao campo de pesquisa, das conversas informais com lésbicas que possuem uma identidade de gênero e/ou uma representação corporal masculina e/ou com lésbicas que mantiveram ou mantêm uma relação afetivo-sexual com elas, que essas mulheres, em sua maioria, se utilizam de formas variadas do exercício de poder e colocam suas parceiras em condição de subalternidade e inferioridade como observamos em muitas relações heterossexuais, onde o machismo se faz presente a todo tempo. Essas



impressões podem ser um ponto de partida para afirmar que um dos motivos pelos quais estas redes não interagem entre si, pois uma característica percebida entre as lésbicas que possuem uma identidade de gênero puramente feminina é que seu desejo afetivo e sexual é pela figura feminina e não masculina: “eu gosto de mulher, se gostasse se ‘sapatão’, ficaria com um homem. Com mulher tudo é diferente... tem o toque, a sensibilidade, o carinho, coisa que homem, se tem não demonstra pra não ser chamado de ‘viado’.”<sup>7</sup>

Diante dessa narrativa e das observações feitas nos espaços de sociabilidade e lazer frequentados pelas lésbicas em Campos/RJ, devemos pensar nas assimetrias ali estabelecidas, como forma de “exercício de poder” nessas relações e as diferenças e desigualdades entre classes sociais, como um ponto de partida para trabalhos futuros.

Bibliografia:

CARRARA, Sérgio et al. *Diversidade, diferença e desigualdade*. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro:CEPESC, Brasília, DF:Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v1, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Gênero**. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro:CEPESC, Brasília, DF:Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v1, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e orientação sexual**. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro:CEPESC, Brasília, DF:Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v1, 2010c.

\_\_\_\_\_. **A construção do conhecimento em gênero e sexualidade: história e perspectivas**. . Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro:CEPESC, Brasília, DF:Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v1, 2010e.

\_\_\_\_\_. **Metodologia de Projetos de Pesquisa**. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro:CEPESC, Brasília, DF:Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v1, 2010f.

BORILLO, D. **Homofobia – História e Crítica de um preconceito**, tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

---

<sup>7</sup> Fala de uma lésbica que faz parte da rede de mulheres com identidade de gênero feminina, em uma conversa informal.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais** – 6ª e. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ELIAS, Norbert e Scotson L. John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**, tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**, tradução Procópio Abreu; editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In: Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre: Vozes, v. 16, (2): 05-22, jul-dez, 1990.

LACOMBE, A. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar no Rio de Janeiro. Campinas, v. 28, jan – jun. 2007: 207-225. Jun, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/10.pdf> Acesso em 01 jun. 2011.

LACOMBE, Andrea. **Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010 X, 192 p.

LIONÇO, Tatiana e Diniz Débora. (orgs.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi. Cadernos PAGU, n 21, pp 1 a 88, 2003. Disponível em: <  
[http://s3.amazonaws.com/files.posterous.com/musadesastrada/OsYrMGE1M0bZ9VXf1IedUUgzHU678iNSZizsTj9Nx2Jy32i9JErSoukO3jkQ/Microsoft\\_Word\\_-\\_Pensando\\_o\\_Se.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJFZAE65UYRT34AOQ&Expires=1316949131&Signature=4MFknbhY6L3Thkww0MAUasvrgk%3D](http://s3.amazonaws.com/files.posterous.com/musadesastrada/OsYrMGE1M0bZ9VXf1IedUUgzHU678iNSZizsTj9Nx2Jy32i9JErSoukO3jkQ/Microsoft_Word_-_Pensando_o_Se.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJFZAE65UYRT34AOQ&Expires=1316949131&Signature=4MFknbhY6L3Thkww0MAUasvrgk%3D)>. Acesso em 25 set.2011.